

## **O passeio duplo de Jorge de Lima, leitor de Pascoaes**

The *double tour* by Jorge de Lima, Pascoaes reader

Vagner Camilo

Universidade de São Paulo (USP)

vcamilo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-2528-5850>

Data de recepção do artigo: 10-11-2023

Data de aceitação do artigo: 03-12-2023

### **Resumo**

Este artigo deriva de uma investigação em curso sobre a rede de relações do poeta brasileiro Jorge de Lima em Portugal, bem como sobre a recepção poética e a crítica de sua obra nesse país. Do acervo inventariado, a presente abordagem detém-se, por ora, apenas em uma carta, até então desconhecida, enviada por ele a Teixeira de Pascoaes, cuja obra é evocada pelo diálogo intertextual presente em um pequeno ciclo de poemas do poeta brasileiro. A carta, entretanto, ocupa-se de um livro em prosa do escritor português: *Duplo passeio*, por um longo tempo relegado ao esquecimento em seu próprio país natal, apesar dos méritos literários que o missivista brasileiro soube bem reconhecer tão logo publicado.

**Palavras-chave:** Jorge de Lima, Teixeira de Pascoaes, interlocuções luso-brasileiras, itinerâncias.

### **Abstract**

This article stems from an ongoing investigation into the network of the Brazilian poet Jorge de Lima's relationships in Portugal, as well as the poetic reception and criticism of his work in that country. Among the cataloged collection, this approach is focused, for now, on a previously unknown letter sent by him to Teixeira de Pascoaes, whose work is evoked through an intertextual dialogue in a small cycle of poems by the Brazilian poet. However, the letter deals with a prose book by the Portuguese writer: *Duplo passeio*, long relegated to obscurity in its own native country, despite the literary merits that the Brazilian correspondent recognized soon after its publication.

**Keywords:** Jorge de Lima, Teixeira de Pascoaes, Portuguese-Brazilian dialogues, itineraries.

## 1. Itinerário de uma investigação

Este artigo tem caráter mais propositivo do que interpretativo e relaciona-se com uma pesquisa em curso sobre a circulação da criação do poeta, romancista e pintor modernista brasileiro Jorge de Lima (1893-1953) em Portugal. Investiga-se não só sua recepção poética e crítica, mas também a rede de relações que ele estabeleceu naquele país. Além disso, interessam suas contribuições efetivas para periódicos e outros veículos portugueses de difusão de ideias políticas e estéticas, bem como de criações artístico-literárias. Sua presença literária em Portugal, embora reconhecida por Arnaldo Saraiva, jamais chegou a ser sistematizada e investigada a fundo, considerando não apenas os dados circunstanciais, mas as ressonâncias em camadas mais profundas da obra jorgiana e, mesmo, das de alguns de seus interlocutores portugueses. Em uma estada na Universidade de Coimbra, foi possível reunir *corpus* expressivo dessa presença, na forma de correspondência, resenhas, entrevistas, ensaios, edições portuguesas da obra jorgiana, antologias, recolhas e registros de outra natureza.

Em uma visada mais ampla, a relevância desta investigação reside no desejo de contribuir para o redimensionamento das relações ou transferências culturais persistentes entre os dois países, compreendidas não de acordo com uma lógica suplantada de dependência e subalternidade da produção literária brasileira em relação a um centro europeu, mas inscritas em uma trama bem mais complexa de trocas e apropriações mútuas, promovidas por redes de sociabilidade e diversas formas de intercâmbio transatlântico<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, os resultados alcançados com a investigação em Portugal (viabilizada por bolsa CAPES/Print para Pesquisador Visitante Sênior) possibilitaram desdobramentos em novo projeto, este sim de cunho interpretativo, que integra outro grupo de pesquisa. Trata-se do projeto coletivo de uma rede internacional de pesquisadores, intitulado *Geografias Culturais Ibero-Americanas: Paisagens, Contato, Linguagens*, que foi contemplado pelo Edital Universal do CNPq (Chamada nº. 18/2021). Tal rede agrega especialistas de estudos linguístico-literários lusófonos e hispânicos preocupados em investigar como transferências pós-coloniais reconfiguram antigos vínculos de subalternidade entre espaços centrais e periféricos no mundo ibero-americano, adotando assim uma perspectiva transnacional, transcontinental e transdisciplinar, que possibilite reconsiderar o arquivo linguístico-literário e as relações culturais assimétricas no amplo espaço ibero-americano.

Embora seja conhecido o diálogo produtivo instituído por Jorge de Lima com a tradição literária portuguesa, sobretudo em sua "lírica final" (Andrade 1997), pouco se tratou da irradiação de sua obra, bem como de sua recepção crítica, menos ainda da poética, em Portugal. No mais das vezes, o estudo dessas interlocuções tem caminhado por uma só via: a da *pervivência*<sup>2</sup> camoniana em *Invenção de Orfeu* (1952). Apesar de a reflexão em torno do diálogo com Camões presente no grande e derradeiro livro jorgiano ter caminhado bastante, ela contaria com alcance mais amplo se considerada a partir das trocas efetivas instituídas entre o autor de *Invenção* e um grupo notável de poetas e críticos portugueses.

Os intercâmbios, aliás, datam de muito antes. Vale lembrar a esse respeito a observação de Saraiva, que inaugurou os mapeamentos sobre as interlocuções literárias luso-brasileiras ativas e persistentes inclusive em contexto modernista, ainda que importantes críticos e historiadores brasileiros tenham sustentado o contrário. Mesmo um crítico arguto como Antonio Candido – ao tratar do "diálogo com Portugal" na "dialética do cosmopolitismo e do particularismo" que definiria, segundo ele, a dinâmica da Literatura Brasileira – chegou a afirmar, peremptoriamente, em 1950, a gradual e decisiva desvinculação com a antiga matriz lusitana em dois momentos decisivos de mudança de rumo, revitalização da inteligência brasileira e culminância da referida dialética: o Romantismo e o Modernismo. Em suas próprias palavras, "enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura; a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado" (Candido 2006: 117-119)<sup>3</sup>. Ao que parece, se deixou de existir nesses termos, nem por isso chegou a ser completamente anulada, como bem comprovam documentos e registros de interações efetivas entre modernistas brasileiros e portugueses no extenso inventário promovido por Saraiva (2004). A

---

<sup>2</sup> Neologismo empregado por Haroldo de Campos na tradução do conceito benjaminiano de *Fortleben*. "De *pervivência* se trata: *Fortleben*, como diz Walter Benjamin quando fala da sobrevivência das obras literárias para além da época que as viu nascer" (Campos 1989: 59).

<sup>3</sup> Uma discussão polêmica com essa interpretação de Antonio Candido foi promovida Baptista (2005) ao tratar do ensino de Literatura Brasileira em Portugal.

partir dele, um número expressivo de ensaios, teses e pesquisas acadêmicas tem comprovado a persistência inegável desse diálogo luso-brasileiro em contexto modernista.

No que tange ao caso de Jorge de Lima, que interessa particularmente aqui, diz o mesmo Saraiva, na apresentação de uma carta do poeta brasileiro ao crítico português Adolfo Casais Monteiro:

Está por fazer a história das relações de Jorge de Lima com Portugal ou com a cultura portuguesa. E ela de modo algum se afigura desprovida de interesse, quer para portugueses, quer para brasileiros, quer para africanos de língua portuguesa; porque, além do mais, Jorge de Lima influenciou decisivamente, tal como Manuel Bandeira e Cecília Meireles, a poesia portuguesa, cabo-verdiana, são-tomense e angolana dos anos 30 e 40; que essa influência não cessou nos anos posteriores, quando passaram a ouvir-se mais as vozes de Drummond e de João Cabral, prova-o abundantemente a poesia de Ruy Belo; e não é necessário citar outros nomes (Saraiva 1979: 61).

Mesmo julgando dispensável citar outros nomes, o fato é que Saraiva não deixa de promover brevemente, dentro do possível nos limites de uma apresentação, o primeiro rastreamento de obras, revistas, suplementos e documentos diversos que atestam essa circulação jorgiana em Portugal, encetando a tarefa de escrita da história ainda por fazer dessas relações.

De minha parte, já ensaiara algo do percurso inverso, buscando trazer uma contribuição ao diálogo de Jorge de Lima com o legado português em livros anteriores a *Invenção de Orfeu*. Em particular, detive-me, primeiramente, na investigação das repercussões portuguesas presentes na gênese do projeto e de alguns poemas de *Livro dos sonetos* (1949). Tais presenças não haviam sido, até então, objeto de interpretação e delas me ocupei mais detidamente em dois estudos, nos quais abordei o diálogo de Jorge de Lima com Camões e outros nomes da tradição poética portuguesa nesse livro de 1949, que também integra sua lírica final. O próprio "camonianismo" (Cunha 1974: 159-164) de Jorge de Lima anterior à *Invenção de Orfeu*, como busquei demonstrar, vinha tanto pela apropriação direta do grande poeta luso, quanto pela intermediação de leituras do legado deste por Teixeira de Pascoaes e outros nomes da Renascença Portuguesa e do Presencismo.

Propunha-me então a romper com a velha lógica das influências, que caminhava em uma só via, impondo, assim, a recepção passiva, e pensava em diálogos mais vivos e dinâmicos, de mão dupla, haja vista

as interações de Jorge de Lima com os presencistas. O histórico do livro de 1949 é expressivo dessa interlocução luso-brasileira. Marco do giro neoclássico dominante na lírica brasileira do período e, nesse sentido, visto como preâmbulo<sup>4</sup> da *Invenção de Orfeu*, de 1952, o *Livro dos Sonetos* foi estampado, muito a propósito, pela editora Livros de Portugal S.A., sediada no Rio de Janeiro e responsável pela publicação tanto de modernistas brasileiros já entronizados, quantos dos *novíssimos*, pertencentes ou não à denominada Geração de 45, ao lado de nomes de prestígio na cultura portuguesa moderna. Editou, assim, Vinicius de Moraes (*Livro de Sonetos*), Cecília Meireles (*Romanceiro da Inconfidência*) e Mario Faustino (*O homem e sua hora*), além de Afonso Félix de Sousa e Darcy Damasceno entre outros brasileiros, ao lado de portugueses como David Mourão-Ferreira, Maria da Saudade e Jaime Cortesão.

Dentro desse espírito de congraçamento, ainda no caso do *Livro de Sonetos*, a interlocução estritamente lusitana de Jorge de Lima estende-se da edição à dedicatória, que saúda grandes nomes portugueses da poesia e da crítica modernas, nomeadamente presencistas, entre os quais Adolfo Casais Monteiro, Alberto de Serpa, Carlos Queiroz, João de Barros, José Osório de Oliveira, José Régio, Maria da Saudade Cortesão e Vitorino Nemésio. De todos eles, encontrei provas de contato efetivo por meio de cartas constantes dos espólios portugueses. Entre os homenageados na dedicatória, vale especial destaque para o próprio editor, Jaime Cortesão, que, como crítico, historiador e antologista do *Cancioneiro Popular* (1914), ocupou-se de praticamente todos os temas portugueses que despontam no livro de 1949, explorados, todavia, com liberdade poética por Jorge de Lima. Além do editor, outro homenageado era João Gaspar Simões que, três anos depois, prefaciaria a bela edição de *Invenção de Orfeu* pela mesma editora, com capa e vinhetas da artista plástica polono-brasileira Fayga Ostrower, e que foi o primeiro a reconhecer na obra final do poeta brasileiro “o lugar de uma renovação da semântica e da imagística da poesia em língua portuguesa” (Andrade 1997: 88).

Dos estudos realizados antes da pesquisa em acervos portugueses – e sem o respaldo ainda de cartas e demais registros documentais –, o primeiro deles, intitulado “Molhado de Dois Rios:

---

<sup>4</sup> Sem que essa condição preambular, conforme demonstro no ensaio, comprometa a autonomia e mérito particular do livro, a ser compreendido com independência, como uma unidade estruturada.

Lima e Mundaú", integra um capítulo mais amplo ("Sôbolos Rios, Sôbolos Oceanos: Do Marão ao Mundaú e ao Arpoador. Lima e Meyer"), em que examino a reposição do diálogo com Portugal, ilustrada pela poesia de Jorge de Lima e pela de Augusto Meyer, no contexto de conversão neoclássica da moderna lírica brasileira do segundo pós-guerra (Camilo 2020). Analiso o ciclo de sonetos jorgianos que trata do "avô marão nevado", da avó fiandeira (cujo trabalho manual serve de analogia à urdidura tramada pelo neto como poeta, tecendo e ligando os três poemas pelo fio da memória) e do pai, figura decisiva na iniciação camoniana do menino em *Invenção*, na leitura das "páginas de insânia" do episódio de Inês de Castro.

Era louco e era poeta o sepultado.  
 Dei-lhe a rosa de cinzas: tinha tido  
 pai no Nordeste e avô marão nevado.  
 O novelo da avó em fio comprido  
 ligado a outros avós. De monte nado,  
 molhado de dois rios, foragido  
 de relicário em ouro profanado.  
 Tudo em luso e Nordeste havia sido.  
 Que roteiro fiel sobolos oceanos,  
 que outra cosmorama mais gajeira!  
 Votado a D. Dinis foi trovador,  
 escreveu cancioneiros trasmontanos,  
 casou-se com uma ondina que era freira,  
 certo é meu duplo; oferto-lhe uma flor  
 (Lima 1949: 147).

Chama a atenção nesse ciclo a geografia afetiva traçada pelo poeta em função de sua genealogia, que parte da serra portuguesa do Marão e faz confluír as águas do rio lusitano Lima (simulando a associação com o nome de família) para as do rio Mundaú, na província natal (Alagoas) do poeta brasileiro:

Virado para o Marão o avô morrido  
 e o pai nesse Nordeste sepultado.  
 Rio Lima e Mundaú. O filho nado,  
 em limo e sal de mar sobrevivido  
 (Lima 1949: 113).

Na recriação poética dessa ancestralidade, Jorge de Lima opera com topônimos, que, aliás, não se situam exatamente na mesma região de Portugal, mas são carregados de ressonâncias simbólicas e literárias.

Talvez nem tanto no caso do rio Lima, de todo modo decantado em versos desde Diogo Bernardes. Já a referência reiterada aos altos cerros do Marão parece mirar a paisagem solene de Teixeira de Pascoaes (1877–1952), que envolve uma questão identitária, tendo em vista a teoria da saudade como Espírito ou alma portuguesa formulada pelo autor de *Marânus*. Ou seja, do Marão enquanto sublimação do Mar, da aventura espiritual como continuação natural da marítima, simbolizando o português como um povo “de coração marítimo e serrano”, povo “nascido na montanha / E perdido no mar tempestuoso”, mas que a ela tem de voltar para reencontrar sua alma (Sá 1992: 204). O próprio jogo de Pascoaes com o vocábulo *Mar/Mar-ão*, para afirmar que um está contido no outro, o Mar na Montanha, pode não ter passado despercebido por Jorge de Lima. Essa alusão deliberada se faz mais no sentido de assinalar, no caso do poeta alagoano, a impossibilidade ainda maior de reencontro com essa alma serrana **original** (e, portanto, com sua ancestralidade trasmontana) de que, desde as navegações, se acha apartado o próprio português.

Ainda em matéria de intertexto, meu ensaio explora a alusão, no livro de 1949, às "Redondilhas de Babel e Sião" na imagem dos “sôbolos rios e sôbolos oceanos”, que vai se repetir em dois sonetos afins. As citações do poema camoniano abrem e fecham cada peça. Camões tanto pode ser identificado ao “duplo-mor” da quadra inicial, quanto ao “modelo” do terceto final.

Vamos, meu duplo-mor às Índias e ao  
país do Preste-João desconhecido.  
Partamos em ignorada rota blau  
por mar de Páscoa sob o céu renhido.  
Olha-me a face: acaso essa ébria nau  
não tem velame e tempo, nem olvido?  
Acaso essa aventura não tem vau  
ou árduo Cabo-Não inadvertido?  
Já preparaste a treva e o pesadelo,  
a mão sob a cabeça, o óleo profundo,  
o rei de Calicute e o de Melinde?  
Ah! a nau opaca em sombra e seu modelo  
vão desvendar a ausência desse mundo  
em que a poesia a túnica não cinde  
(Lima 1949: 141).

São por demais evidente as referências à épica lusíada,

notadamente na menção a topônimos e ameaças naturais, desafios e limites intransponíveis (como o árduo e inadvertido Cabo-Não, considerado o *non plus ultra*, além do qual a navegação seria impossível), que marcam a rota de viagem de Vasco da Gama, desde as balizas da aventura na costa de África até o Extremo Oriente, entre Melinde e Calicute. Isso sem desconsiderar a “rota blau por mar de Páscoa”, lembrando que o Gama chegou à barra de Melinde na data das celebrações pascais, com os navios todos embandeirados para a solenidade do dia.

Também se evidencia aí a convergência entre Camões e Rimbaud (“ébria nau”), depois explorada mais enfaticamente em *Invenção de Orfeu*. De igual modo, como no livro de 1952, os signos de negatividade marcam a empreitada poética traduzida pelas famigeradas metáforas náuticas: o céu renhido, a treva, o pesadelo e a sombra, recorrente no livro de 1949 (cf. Andrade 1997), acompanham a “ignorada rota” (signo evidente da desorientação ou incerteza quanto à sua destinação poética, assim como o desvio da rota cabralina rumo às Índias, que **por acaso** resultou na descoberta do Brasil<sup>5</sup>) da “opaca nau” que, em diálogo com seu modelo camoniano, busca em vão “desvendar a ausência desse mundo / em que a poesia a túnica não cinde”. Vale chamar a atenção para a ambivalência final decorrente do hipérbato: o que não é cindida, poesia ou túnica (retomando a imagem da túnica de Cristo empregada em livro anterior, *A Túnica Inconsútil*, sem emendas ou falhas, a “única que não se pode dividir”)? A forma interrogativa no diálogo do eu lírico com seu duplo-mor reitera a incerteza da empreitada poética e o grande risco de fracasso (Camilo 2020: 431-443).

Em um segundo ensaio, desdubro aspectos enunciados no primeiro, examinando sonetos que, dentro do imaginário cristão mobilizado por Jorge de Lima, exploram mitos bíblicos e lendas religiosas com enraizamento na tradição culta e popular portuguesa. É o caso do poema dedicado à lenda de Santa Iria, que circulou em infinitas versões, em xácaras ou romances ao longo dos séculos, sendo

---

<sup>5</sup> Evidentemente, o poema alude à narrativa da descoberta do Brasil há muito contestada: a de que a esquadra de Pedro Álvares Cabral, incumbida de consolidar a nova rota comercial de então, ligando a Europa à Índia, foi surpreendida por ventos fortes e violenta tempestade ao buscar contornar o continente africano e dobrar o Cabo da Boa Esperança. Isso obrigou a esquadra portuguesa a um ajuste de rota, distanciando-se da costa de África e, acidentalmente, aportando em terras desconhecidas, das quais tomou posse e que viriam a compreender o território brasileiro.



das mais antigas composições não só de Portugal, mas de toda a Península Ibérica, como já notava Garrett nos capítulos de *Viagens na Minha Terra*, quando trata da viagem a Santarém. Afora as inúmeras versões peninsulares, de que dão notícia, por exemplo, Teófilo Braga, Pires de Lima e (no caso da Espanha) Menéndez y Pelayo, há outras tantas que cruzaram o Atlântico e se difundiram, com variantes, de Norte a Sul do Brasil, alcançando ainda a vizinha Argentina. Fala sobre elas, no caso do Brasil, Câmara Cascudo em nota à variante recolhida por Sílvio Romero (1985: 67). Possivelmente, Jorge de Lima conheceu diversas versões, como as recolhidas por Pereira da Costa no *Folclore Pernambucano*.

Em termos de mito bíblico, há mais um soneto do livro de 1949 cuja interpretação detém-se no diálogo de Jorge de Lima com a grande reescrita camoniana do episódio bíblico de Jacó, Raquel e Lia. O soneto camoniano já havia sido emulado em *A Túnica Inconsútil* (1939), nos versos de “O Poeta Jacó”, dedicado a outro de seus conhecidos intérpretes portugueses: Manuel Anselmo. A delegação da voz a Jacó, que se limita aos dois versos do monólogo final no soneto camoniano, estrutura todo o poema jorgiano. Aproximando o relato bíblico da convenção da poesia pastoral, Jorge de Lima ainda converte o pastor do *Gênesis* em poeta, flagrado a interpelar diretamente o sogro. O traço diferencial, muito particular da visão jorgiana do famoso triângulo amoroso do *Gênesis* é o destaque dado à sempre preterida Lia, que sai dos bastidores para ganhar a cena. Não que Raquel e o amor imenso de Jacó por ela desapareçam: eles são reafirmados, mas ao mesmo tempo transpostos para – ou realizados em – Lia.

Outros aspectos são explorados em ambos os ensaios, mas o exposto parece suficiente para dimensionar o encaminhamento dado à investigação em curso. Quando do levantamento das fontes para a redação de tais ensaios, já percebia a necessidade de a pesquisa ser desdobrada no sentido de pensar a leitura e a acolhida de tais obras em Portugal, bem como os diálogos que as prepararam e as sucederam. Além de José Régio e dos presencistas, outras tantas vozes lusitanas ecoavam no livro, desde os paratextos até a trama intrincada dos versos pelo requintado jogo intertextual. Em vários momentos, percebe-se que o provável horizonte de *endereço* (nos termos de Culler, 2015) dos poemas jorgianos compreendia não só o leitor culto, mas particularmente aquele inteirado da referida produção lírica portuguesa, a erudita e a popular, muitas vezes confundido, sobremodo, com o leitor d'além-mar. É esse horizonte de leitura um

dos aspectos que se objetiva examinar, uma vez inventariada a recepção portuguesa do poeta alagoano.

## 2. Da geografia física à cerebral – passeios duplicados do autor, multiplicados pelo leitor

Desdubro aqui algo do proposto com base no material recolhido em Portugal. Uma das grandes surpresas durante a pesquisa em espólios, em particular da Biblioteca Nacional (BNP), ajudou a consolidar o que era até então uma hipótese de diálogo com Teixeira de Pascoaes. Trata-se de uma carta endereçada pelo poeta alagoano ao autor de *Marânus*:

Rio, 28 de setembro de 1942.

Teixeira de Pascoaes.

AMARANTE

PORTUGAL

Meu caro e singular "globe-trotter".

Venho mais do que agradecer-lhe o volume delicioso que me mandou: venho dizer-lhe, sobretudo, que fiz excelente volta do "passeio duplo" que me proporcionou.

Primeiro ver Vila-Real, por Chaves, a insigne "Aqua Flaviae" que deu de beber à velha Loba... Pela estrada de Braga, pelo panorama ideal do Gerês, pelo Lanhoso, por [F]afe<sup>6</sup> e, afinal, por Amarante, onde, como aquele doce Títilo, um grande e admirável poeta proclamara que o "ócio é dom divino". Depois pela geografia cerebral que nos abriu com os seus paradoxos e os seus achados de literatura e de ciência que, são, na verdade, dignos da sua fama.

Não quero discutir com você nenhum conceito que tivesse encontrado merecedor de alguma glosa. Convivi, demoradamente, através de suas 241 páginas, com o seu espírito, com sua cultura – diria melhor, – e tenho ainda a impressão que ainda viajo em sua companhia. Não viajo, como você, de automóvel, porque o racionamento da gasolina me levou a recolher o meu "bucéfalo" de aço, para que os nossos aviões (você disse que o automóvel gerou o avião) possam beber bem e desabar em cima de Hitler, de Mussolini e do valete de

---

<sup>6</sup> Consta "Jafe" na carta. No mais, reproduzo fielmente o dactiloscrito constante de parte microfilmada do espólio do escritor amarantino depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, mas atualizei a ortografia.

ambos, seu vizinho aí do lado, com cara de pau-d'água. Você, em 1640, quando mataram Miguel de Vasconcelos, porque não chegaram a Madri e não tomaram logo conta daquilo? Ao menos esse mesquinho lugar-tenente dos fantoches não estava agora sujando a Península. Mas bem. Seu livro agradou-me muitíssimo. A sua prosa e o seu espírito largo, através da História e da geografia portuguesa, fizeram-me recordar velhos aspectos da terra que tanto desejo ver e sentir.

Você fala de casas com chapéu de palha. Como eu acharia bom, no meio delas, ter saudades das casas de chapéu de palha que tenho também por aqui!

Xavier de Maistre passeou ao redor do seu quarto. Rousseau deu passeios filosóficos. Você passeou mesmo. Mas nos deu o que os dois grandes passeadores que o precederam não nos deram: impressões do tempo de ontem e de hoje, da sua terra e da terra dos outros, como ninguém ainda fez.

A vilegiatura literária dá para fazer outra biblioteca de Sardanápalo. Seu livro seria reclamado, se me nomeassem o bibliotecário mágico para dirigi-la. Enquanto espero essa nomeação venturosa, quero mandar-lhe o meu abraço.

Muito sinceramente seu

Jorge de Lima

**Fig. 1:** Reprodução da carta de Jorge de Lima a Teixeira de Pascoaes de 28/09/1942. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

O livro em questão é *Duplo Passeio*, publicado no mesmo ano de 1942 de que data a carta de agradecimento pelo envio de um exemplar. António Cândido Franco diz que esse livro de Pascoaes “representa fase de perfeita maturidade da elocução, com uma frase desenvolva e inspirada, conceituosa, mas cujo sentido recai a maior parte das vezes na prosódia, num meneio encantatório e castigado (...)” (Franco 2014: 89). Possui um relevo “visionário”, sem

(...) termo de comparação com o que até então se escrevera em prosa portuguesa. O vigor e a exceção de uma prosa como a de *Duplo Passeio* (...) deve-se antes de mais a uma emancipação total da linguagem de referentes lógicos (tempo, lugares e personagens), que são os que aparecem na primeira parte do livro — uma ida e volta de automóvel com o poeta Ângelo César e o escultor António Duarte de Amarante a Chaves e Travassos —, e à introdução a um duplo do mundo, que é exaustiva e parodicamente tratado na segunda parte do livro, a mais longa e que o autor reconhece no «Epílogo» ser a mais importante (Franco 2014: 89, 90).

Na falta de um paralelo possível na tradição local, Franco recorre a outras referências fora da cultura portuguesa a fim de precisar a excepcionalidade de *Duplo Passeio*, um “livro ao modo de Burroughs sem haver Burroughs” (Franco 2014: 90).

As alucinações que constituem a segunda parte do livro — e que são a introdução e a persistência até ao esgotamento a um mundo que só tem por função lacerar a lógica do primeiro — e onde se destacam pelo radicalismo levado à exaustão um Jesus borracho, apologista do moscatel, e uma orgia de *dancing* nocturno numa venerável catedral gótico-medieval, estão ao nível das alucinações de *Junkie* (1953), de *Naked Lunch* (1963) e de outras mais recentes, como as que aparecem em *Cities of the Red Night* (1981), que são o único paralelo possível com a prosa de *Duplo Passeio* (Franco 2014: 90).

Apesar de admirável, registra Franco em 2014 que o livro de Pascoaes “não teve (...) até hoje a recepção merecida” (Franco 2014: 90), sequer motivando “uma única apreciação crítica na imprensa” quando de seu aparecimento.

Que dizer em 1942 — quando o que se pedia à prosa literária portuguesa era um ideal de reportagem — de um livro em que Cristo se emborrachava, um automóvel a deslizar na Terra se transformava num camelo a andar na Lua, uma rapariga de 11 anos apresentava os seios mais envelhecidos que os de uma velha mendiga, e onde os dignatários da Igreja Católica e os seus crentes levavam aos ombros numa procissão de província um casal de Diabos, numa cena que é talvez a única que na poesia portuguesa deste século ombreia com a moderníssima Procissão do Corpus Christi do conterrâneo Amadeo de Souza Cardoso? A segunda edição do livro, estampada em conjunto com *A Beira (Num Relâmpago)*, o que talvez tenha contribuído para o seu apagamento, não mereceu mais encómios nem foi menos sonogada que a anterior. A terceira (...) não ascendeu aos cimos das vendas, como lhe competia, nem teve uma recepção crítica mais que frívola (Franco 2014: 90, 91).

Fora de Portugal, entretanto, *Duplo Passeio*, traduzido em 1948 para o alemão, circulava “em folhetins numa revista da zona russa de Berlim” (Franco 2014: 91). Como diz Franco, o livro “pertence àquela parte da obra de Pascoaes, maioritariamente constituída pelas três primeiras biografias, que enquanto era negligenciada em Portugal acumulava na Europa Central camadas de leitores, que chegaram para esgotar em poucos anos quatro edições holandesas de *São Paulo*” (Franco 2014: 91).

A única voz a quebrar o silêncio dos portugueses em relação ao livro pascoalino foi a da “escritora de pulso forte que é Agustina Bessa Luís” (Franco 2014: 91), que confessou a respeito:

O livro que tenho ao pé é um dos mais significativos exemplos do humor e do génio de Pascoaes. Chama-se *Duplo Passeio* (...) O livro é maravilhoso de graça e filosofia etérea, muito ao estilo de Pascoaes. E tem momentos de riso que são como contas de padrenossos num rosário de poesia franca. (...) Este Pascoaes é bem o meu padrinho nas letras. Alegro-me disso. E vou com ele no passeio a Travassos, no Verão eterno de um lirismo colectivo (*Diário de Notícias* de 2 de Outubro de 1993, *apud* Franco 2014: 91).

A confissão de Bessa-Luís, de “que a sua prosa é afilhada da de *Duplo Passeio* faz mais pelo livro que os vários milhares de leitores que hoje não tem”, diz Franco, para quem a excepcionalidade do livro de 1942 equipara-o em “importância na prosa portuguesa do século XX (...) à de *Viagens na Minha Terra* na prosa portuguesa do século XX” (Franco 2014: 91).

A reprodução quase integral do ensaio de Franco justifica-se pelo que evidencia da agudeza de Jorge de Lima ao reconhecer o mérito excepcional do livro de Pascoaes, sem acolhida em seu próprio país à exceção louvável de Agustina Bessa-Luís. Vale enfatizar que o reconhecimento por parte de Jorge de Lima se deu no calor da hora, quando da publicação do livro em 1942. É o próprio Franco quem admite tal fato ao também surpreender, no espólio do escritor de Amarante na BNP, a carta inédita do brasileiro, reproduzindo-a na íntegra e considerando-a “uma arguição de peso”. Diz ainda mais sobre

(...) a carta inédita de Jorge de Lima (1893-1953), autor de *Invenção de Orfeu* (1952), que Murilo [Mendes] disse ser «o máximo documento literário da natureza barroca do Brasil», a Pascoaes, sobre *Duplo Passeio*. Trata-se de testemunho magistral, mormente pelo aspecto cívico e político, mas que nos interessa aqui pela saborosa reclamação do livro para moderna biblioteca universal dos livros essenciais, versão hodierna da de Sardanalpalo. Quantos livros podem aspirar a uma tal selecta? (Franco 2014: 92).

Em que se ressalte o pioneirismo da apreciação crítica do poeta brasileiro como leitor de um livro desprezado em seu próprio país de origem, não é, todavia, intento de Franco avançar no teor da argumentação de Jorge de Lima para justificar o mérito do livro pascoalino. Ademais, como se viu, Franco prefere, com o endosso do escritor, enfatizar a novidade trazida pela segunda parte do livro – a do

passaio “cerebral”, conforme diz Jorge de Lima, por oposição ao físico, da primeira parte. Para tanto, busca os termos de comparação em contexto espacial e temporal bem distante e posterior à publicação de *Duplo Passeio*, certamente com o intuito de reivindicar o reconhecimento da excepcionalidade de uma obra por tanto tempo preterida em Portugal, evidenciando seu caráter antecipador – e talvez pouco apreciado justamente porque adiante de seu tempo.

Já no que diz respeito particularmente à primeira parte, o livro de Pascoaes parece se inscrever em uma linhagem literária que Jorge de Lima identificou de pronto. Na verdade, antes de identificá-la, o missivista remonta, no terceiro parágrafo da carta, a um momento da Antiguidade clássica dos mais decisivos para a tradição poética ocidental, quando também percorre por meio da imaginação a vilegiatura literária de Pascoaes entre Vila Real, Chaves, Gerês, Lanhoso, Braga, Fafe e Amarante. Na carta, Jorge parece se referir diretamente à cidade natal de Pascoaes, mas em várias dessas cidades no trajeto descrito encontram-se vestígios arqueológicos, quando não edificações ou ruínas, do período romano. A ponte mais explícita com o passado se faz também sobre outra, esta literal: a Ponte de Trajano, sobre o rio Tâmega em Chaves, “a insigne *Aqua Flaviae* que deu de beber à velha Loba”, diz o missivista, e que lhe suscita a lembrança da primeira égloga daquele que, por coincidência, também traz Marão no nome. Pela evocação desse poema de Virgílio, Jorge de Lima aproxima *Duplo passeio* do gênero pastoral, recorrendo à livre associação de que tanto se vale o escritor amarantino em sua prosa poética. A passagem do diálogo entre os pastores, em que o ócio figura como dom divino aos olhos do afortunado Títiro (vivendo em situação bem diversa da do expropriado Melibeu), vem à mente quando, no percurso da viagem que torna o tempo livre fonte produtiva necessária à criação<sup>7</sup>, Pascoaes e os companheiros chegam a nesse outrora importante centro urbano da província romana da *Gallaecia*, fundado a partir de uma *mansio* da via XVII do Itinerário de Antonino ligando a Bracara Augusta à Astúrica,

---

<sup>7</sup> Muito a propósito, Curtius (1975: 269-276) fala da primeira égloga das *Bucólicas* como “la clave de la tradición literaria europea”, transfigurando a herança grega de Teócrito e o motivo poético da época helenística que fez do ofício de pastores um “marco sociológico” para dar representação à ocasião e ao tempo livre necessários à criação do poeta. Pelo trecho virgiliano citado, Jorge de Lima certamente tinha em mente, como ocorre em outros momentos de sua obra, a tradução brasileira oitocentista das *Bucólicas* feita por Odorico Mendes.

e conhecido pelas termas medicinais criadas à época de Vespasiano e da dinastia flávia e pelas aras remanescentes, incluindo um ninfeu.

Depois dessa evocação da pastoral clássica, o leitor-crítico de além-mar (para quem, evidentemente, toda leitura é uma forma de viagem) trata de aproximar *Duplo passeio* de outra linhagem literária, mais moderna e sobretudo dinâmica, quando evoca, nos parágrafos seguintes da carta, as *promenades* de Jean-Jacques Rousseau em *Les Rêveries du promeneur solitaire* e a *Voyage autour de ma chambre* de Xavier de Maître. Elas pertencem à mesma linhagem na qual se pode também inscrever as *Viagens de minha terra* de Garrett, lembrada por Franco. Vale tratar um pouco mais dessa linhagem para a qual, segundo Jorge de Lima, o *globbe-trotter* de Amarante traria também contribuição relevante.

A linhagem em questão não se restringe à prosa. Ela compreende a **literatura itinerante** identificada pelo crítico brasileiro Antonio Candido a propósito de um poema (“Louvação da tarde”) do modernista Mario de Andrade. O crítico trata de assinalar que essa linhagem deita raízes em gêneros diversos, a começar pelos *Devaneios* rousseauianos, e que rompe o domínio estrito da literatura para percorrer as sendas da filosofia. Ao contrário da observação da paisagem de um ponto de vista estático, o filósofo genebrino estabelece uma “relação dinâmica” com ela: trata-se “da função poética da marcha, o corpo em movimento servindo para espertar a mente” (Candido 1993: 261), que ele inaugura e segue adiante com os românticos. Diferentemente da *flânerie* baudelairiana ligada à intensa urbanização e promovida no espaço da grande cidade “transformada numa espécie de nova paisagem, que substitui a natural” (Candido 1993: 263), a linhagem em questão transcorre no campo, percorrido não a pé, nem a cavalo, como se via ainda entre os românticos, mas de automóvel, designado no poema marioandradino “por um diminutivo carinhoso” e tratado “como ser vivo, pois em vez de dirigi-lo, abandona-se a ele, ao modo de montaria confiável cujas rédeas foram soltas” (Candido 1993: 265). Para Candido, a “maquininha” de Mario inverte o clichê futurista na medida em que integra a pulsão reguladora do corpo do homem ao ritmo eterno da natureza e não sujeitado ao ritmo autômato da máquina como das vanguardas. Essa “meditação itinerante entrosada na era da mecanização” (Candido 1993: 265), em que o deslocamento no espaço se faz por este meio, seria, para o crítico, uma invenção do poeta brasileiro, pois só posteriormente, em 1928, surgiria “o curto poema em versos livres no qual Fernando Pessoa

(Álvaro de Campos) narra uma excursão noturna “ao volante do Chevrolet”, durante a qual expõe as emoções do momento. Enfatiza ainda a diferença de “Louvação da tarde” em relação ao Futurismo e outras correntes europeias, em que “o automóvel estava ligado à potência da velocidade, à vertiginosa conquista do espaço, como sinal da nova era”, ao passo que no poema marioandradino a “maquininha” foi assimilada “a um animal integrado no ritmo da natureza” (Candido 1993: 265).

Se considerarmos a introdução do símbolo mecânico no domínio do literário, independentemente do gênero, poderíamos supor que escapou a Antonio Candido a contribuição relevante de Teixeira de Pascoaes quando, em 1916, portanto muito antes de Mário de Andrade, trouxe já a engenhoca moderna para a prosa poética em língua portuguesa com *A beira (um relâmpago)*, onde também estava presente, como em Mário de Andrade, a “combinação natureza-passeio-meditação”. Aliás, no prefácio à edição mais recente que reúne *A beira e Duplo passeio*, pelas evidentes afinidades, a despeito dos vinte e sete anos que as separa, nota Mega Ferreira que a singularidade desse livro está em instalar o automóvel, como emblema da estética futurista, “no epicentro de uma tempestade de emoções”, inaugurando “uma espécie de visão de relâmpago que acumula, num tropel, observações, reflexões, aforismos e apartes, numa subtil transfiguração da realidade quotidiana (...). O mote é dado na primeira frase de *À Beira*: «Viajar em auto é correr mundo, a cavalo num relâmpago»” (Ferreira 1994: 9-10). O prefaciador também evoca a “Ode triunfal” como termo de comparação para dimensionar o pioneirismo de Pascoaes na introdução do automóvel na literatura moderna, lembrando que o famoso poema era datado de 1914 e foi estampado no ano seguinte, no primeiro número da *Orpheu*. Nesse sentido, *A beira* teria sido pioneira na literatura portuguesa a celebrar “o advento desse admirável olhar novo que a civilização do automóvel vai consagrar na década seguinte”. Entre esse livro e *Duplo Passeio* tem-se

a conhecida fotografia de Pascoaes sentado ao volante (do lado direito) de um esplêndido cabriolet, talvez nos anos vinte. Entre um livro e o outro que outra semelhança, que não seja a verificação de que «o auto é o rei da civilização moderna, e o cavalo foi o rei da civilização antiga»? E, de um golpe: «O cavalo deu o Pégaso, o auto deu o avião».

Estamos já, sensivelmente, noutro tempo. Calcule-se que até os animais se habituaram já à «impressão monstruosa» provocada pelo



automóvel. «O que se repete banaliza-se», conclui o Poeta, e, talvez por isso, o nosso viajante demanda agora as paisagens trasmontanas, não sem uma referência de passagem ao livro que publicara quase três décadas antes. Por isso, *Duplo Passeio* inscreve-se numa outra ordem de representações literárias. Vulgarizado, o automóvel não é já o agente de uma percepção nova, ao mesmo tempo que ante os olhos ávidos do Poeta se ergue outra realidade, aquela que progressivamente lhe fora tomando conta da escrita e da emoção (Ferreira 1994: 13).

Essa outra realidade que passou a tomar conta da escrita e emoção pascoalinas, diz Mega Ferreira, é a Natureza, em particular a do Marão, que sabidamente compõe a “geografia mitológica do autor”, corporificando “a profunda saudade do Paraíso que perpassa (...) toda a sua produção literária” (Ferreira: 1994: 14).

Na esteira das novidades trazidas por essa linhagem descrita por Antonio Candido, não seria talvez demais dizer que a contribuição de Pascoaes residiria em introduzir no duplo passeio a posição de passageiro, mais que de motorista, pois segue ao lado e não à frente do volante. Desobrigado de manter a atenção requerida de quem dirige, o narrador podia se entregar mais livremente à contemplação da paisagem e à meditação.

Por sua vez, ao mesmo tempo que reconhece a especificidade e a positividade da visão da máquina motora, bem como a matriz vanguardista com que o escritor português dialogava, Jorge de Lima contrapõe o tempo presente em que o automóvel, de fato já vulgarizado, não é mais o agente de uma visão nova, representado então pelo avião (algo que o próprio Futurismo, em seus manifestos posteriores, chegou a celebrar também). Todavia, Jorge de Lima não se refere na carta a qualquer tipo de avião (que nunca figurou muito positivamente aos olhos do autor de “O grande desastre aéreo de ontem”<sup>8</sup>, poesia de *fait divers*, ao gosto dos primeiros modernistas, que transfigura, por meio de recursos surrealistas, a notícia de jornal sobre a queda de um avião em antevisão do Apocalipse). O missivista

---

<sup>8</sup> O aparente repúdio de Jorge de Lima à modernidade da técnica parece não se limitar apenas ao avião, ainda mencionado negativamente nos versos de “O filho pródigo” e “Poema da Pátria” (*Poemas escolhidos (1925-1930)*), bem como no canto 39 de *Anunciação e encontro de Mira-Celi*. A suposta recusa do progresso técnico, de certa maneira, não poupa sequer o automóvel celebrado por Pascoaes. Em “Volta a casa paterna”, Jorge de Lima indaga: “Casa, doce casa sem elevador, / cadê o Ford que me levou?” (Lima: 1974: 157). Mesmo que a evocação soe saudosa, o *ubi sunt* mal esconde seu grão de mágoa, por ser ele, literalmente, o veículo da separação do universo familiar.

menciona, de passagem, o caça de guerra que arremete em resposta ao ataque procedente da mesma Itália de onde partiu a primeira celebração marinettiana da máquina voadora. De uma perspectiva periférica e irônica, o poeta brasileiro diz, contrariado, da impossibilidade de também viajar com o “bucéfalo” de aço, como seu amigo maronês, devido ao racionamento de combustível imposto pelo governo brasileiro para abastecer tais aviões que desabariam sobre Hitler e Mussolini.

Para efeito de contextualização, justamente no mesmo ano de 1942, o Brasil abandonou a neutralidade política ou a “equidistância pragmática” (Ferreira 2017) nas áreas econômica, política e militar sustentada desde o início da Segunda Grande Guerra, o que lhe permitia manter relações cordiais e negociar tanto com os Estados Unidos, quanto com a Alemanha. Por pressão norte-americana, ao se colocar ao lado dos Aliados e obrigado a romper as relações diplomáticas com as forças do Eixo, o governo ditatorial de Getúlio Vargas (que sempre revelou inclinação pelos regimes totalitários) viu-se às voltas com a questão das ameaças à segurança nacional. Em represália à ruptura oficial, submarinos alemães e italianos foram enviados ao Atlântico Sul. Além da fácil vitória sobre as despreparadas embarcações dos aliados, as forças alemãs atacaram sucessivamente navios brasileiros na costa do país, levando um contingente grande de pessoas à morte. A declaração de guerra ao Eixo se deu sob o clamor da população revoltada por tais ataques. Intensificam-se as ações norte-americanas no Nordeste do Brasil, com envio de caça-submarinos para escoltar comboios de cargueiros ao cruzar o Atlântico, que contaram ainda com o reforço dos contratorpedeiros. Ainda para patrulhamento da costa litorânea brasileira, a aviação militar entrou em cena.

A Segunda Guerra Mundial tratou de consolidar o protagonismo da aviação como principal arma de combate e ganhou relevância estratégica para o desfecho de batalhas e campanhas. Muito embora país do chamado “pai da aviação”, o Brasil tardou na criação do Ministério do Ar, embora discutida há anos, mas só concretizada em janeiro de 1941, com a fusão do acervo material e pessoal da Aviação Militar e da Naval. Apesar “de se achar ainda em fase de organização como força armada autônoma”, a então criada FAB (Força Aérea Brasileira) “passou a colaborar no serviço de patrulhamento e proteção de comboios no Atlântico Sul, em ação conjunta com os elementos de superfície das marinhas de guerra brasileira e norte-americana” (Henrique 2015: 1792). O impacto dos ataques alemães se fez sentir na

escassez de combustíveis, levando o governo getulista a implantar um programa de racionamento de gasolina – escassez essa agravada pela suspensão da navegação de petroleiros da costa leste dos Estados Unidos para o Brasil.

Esse é o contexto em que se encontra inserido o remetente da carta. Mas nela há também referências ao contexto do destinatário do outro lado do Atlântico, concernentes a Portugal e a seu vizinho peninsular, sob domínio do *Generalísimo* Franco. A aversão ao ditador espanhol denuncia-se na imagem pífia, caricatural que dele produz o missivista, retratando-o com aparência de borracho (“cara de paud’água”) e rebaixando-o à condição subserviente de “valete” de Hitler e Mussolini. Obviamente, Jorge de Lima tinha em mira as inclinações ideológicas, dependências e dívidas de favor do “mesquinho lugar-tenente dos fantoches” nazifascistas, que remontavam ao apoio decisivo na Guerra Civil espanhola, estendendo-se por toda a Segunda Grande Guerra ainda que sem um alinhamento explícito, devido à adoção de uma política oficial de neutralidade. As ameaças de apoio declarado logo seguidas das recapitulações de Franco, numa isenção só de fachada, davam-se em função dos rumos da guerra e dos interesses em jogo dos três países, que envolviam desde disputas por posses territoriais (de Gibraltar e regiões de África) até a exploração de riquezas naturais (como as cobiçadas minas de mercúrio de Almadén).

A posição de neutralidade era, ademais, fruto de uma política de consenso entre a Espanha e Portugal, em vista do enquadramento internacional dos dois países ibéricos, instalados em campos antagônicos, a despeito do regime ditatorial comum. O Tratado de Amizade e Não-Agressão Luso-Espanhol de 1939, seguido do Protocolo Adicional de 1940, deu lugar ao Pacto Ibérico e à consequente proclamação do Bloco Ibérico em 1942, visando a neutralidade peninsular frente à guerra, as consultas mútuas para uma ação concertada diante do conflito mundial e o reconhecimento de fronteiras, inclusive como forma de conter os ímpetus anexionistas de Franco<sup>9</sup>. Se “la opción de la neutralidad se había convertido para Salazar en una orientación política permanente (...), para el franquismo la necesidad del Tratado tenía una razón más coyuntural” (Redondo

---

<sup>9</sup> Redondo reconhece ainda na criação do bloco ibérico uma postura defensiva tanto da ditadura franquista, quanto da salazarista frente a inimigos comuns, considerados como ameaças crescentes à civilização cristã. Era o caso sobretudo do comunismo soviético, mas também da democracia liberal e parlamentarária (Redondo 1993: 190).

1993: 184). Quando os ventos pareciam soprar a favor de uma possível vitória do Eixo, como ocorreu na ocupação da França, Franco tendia a acenar com um apoio declarado a Hitler, pensando nas conquistas de território e demais vantagens que isso traria. Já quando sopravam os ventos contrários – conforme se verificou com a entrada dos Estados Unidos na guerra em 1941 –, a alegada neutralidade e uma postura mais moderada vinham a calhar. Devido a tais oscilações e sem esquecer o risco de invasão das fronteiras de Portugal, é que se faziam necessários os acordos reiterados da neutralidade bilateral. Redondo vê nesse ímpeto franquista de anexação certa pervivência do

iberismo, entendido como el deseo de reunificación de las dos naciones bajo un estado unitário [que] no concluyó con el ensayo de los Austrias en 1640, sino que, al contrario, ha sido el factor que ha desempeñado una función dominante, adoptando diferentes formas y significados, en la política peninsular (Redondo 1993: 176).

É muito curioso, nesse sentido, que Jorge de Lima remonte na carta justamente a essa mesma época seiscentista da casa de Áustria, evocando o episódio histórico que marcou o fim da União Ibérica sob domínio do ramo espanhol da dinastia dos Habsburgos e a restauração da autonomia de Portugal. Trata-se da conspiração de alguns setores da nobreza portuguesa com apoio popular contra o representante oficial do governo filipino, odiado porque, apesar de português, agia despoticamente em função da dominação e dos interesses espanhóis e por ter alcançado da corte castelhana de Madrid plenos poderes para aplicar em Portugal pesados impostos.

Os amotinados crivaram de balas o corpo de Miguel de Vasconcelos, lançando-o à multidão enfurecida para que extravasasse seu ódio com as maiores atrocidades e deixasse, por fim, o cadáver no mesmo lugar para ser lambido pelos cães, símbolo da mais pura profanação. Diz o missivista brasileiro ao amigo maronês: tivessem os rebelados aproveitado o espírito inflamado da ocasião para dominar a capital espanhola, evitariam, no presente, um títere no poder “sujando” a imagem da Espanha e de toda a Península – hipótese infundada que só se explica com reação aos horrores da ditadura franquista e que contrasta violentamente com a política de consenso que buscava manter então a duras penas a neutralidade no bloco ibérico.

As referências contidas na carta ao contexto bélico nacional e internacional, bem como a própria alusão ao episódio histórico sobre o linchamento de Vasconcelos, revelam a mobilização política do

poeta católico brasileiro que, talvez em razão de sua profissão de fé, era tido por muitos de seus leitores e críticos como completamente alheio a essa ordem de preocupações. Sob o impacto da guerra, com o abandono da neutralidade e o ingresso oficial recente do Brasil ao lado dos Aliados no conflito mundial, Jorge de Lima talvez tenha sido instado a se pronunciar sobre a realidade política do tempo – muito embora não faltem, a meu ver, referências ao contexto bélico em sua poesia, mesmo a de militância católica.

O fato é que o remetente fala em meio à guerra tal como percebida em contexto periférico e se dirige a um destinatário instalado em solo europeu sob fogo cruzado (ainda que não exatamente na arena de embate) para tratar de um livro que, contemporâneo à guerra, não traz qualquer menção a ela. (E como se viu com um de seus intérpretes, a força do livro de Pascoaes residia no contraste com o ideal de reportagem que dominava a prosa literária portuguesa do tempo). É como se a neutralidade do país possibilitasse certo alheamento em relação à evolução do conflito mundial, ainda que este se desenrolasse muito próximo no continente, possibilitando ao narrador evadir-se pelas estradas e vilarejos trasmontanos, entregando-se à contemplação das paisagens e, como ele mesmo diz, às “divagações de carácter religioso” ou de outra ordem, até o mergulho fundo em seu mundo onírico, que domina o “passeio adormecido” da segunda parte, por oposição ao “passeio acordado” da primeira (Pascoaes 1994: 253). Não há, da parte de Jorge de Lima, é certo, nenhuma cobrança em relação ao posicionamento de Teixeira de Pascoaes diante da realidade bélica, mas chama a atenção na carta o contraste entre os modos como um e outro vivenciam esse momento histórico.

Longe de qualquer intenção crítica, e ainda que afetado pelas adversidades do presente, Jorge de Lima não deixa de se guiar pela força evocativa e poética da prosa itinerante de Pascoaes por terras maronesas (que eram também de seu avô), seguindo de boleia num outro passeio imaginário, que sonhava um dia realizar, de fato, e, quem sabe, contar com a acolhida de seu anfitrião português. Este talvez pudesse tornar a guiá-lo pelas rotas traçadas no livro, sem desprezar a visita às casas com chapéu de palha de Travassos, capaz de lhe suscitar a prazerosa “saudade” (esta herança lusa) de sua própria terra no alémmar, onde também habita essa peculiar arquitetura (quem sabe também legada pelo antigo colonizador).

Tendo em vista a força da experimentação formal da prosa, somada à magnitude do conhecimento histórico, cultural, filosófico e

religioso do escritor português, o missivista termina sua carta a reclamar um lugar de destaque para o *Duplo passeio* no arquivo não só da literatura itinerante, mas da modernidade literária como um todo. Para si mesmo, reivindica a nomeação venturosa como bibliotecário mágico de uma sonhada atualização da arquetípica biblioteca de Nínive.

### 3. Bibliografia

- Andrade, Fábio de Souza (1997): *O Engenheiro Noturno: A Lírica Final de Jorge de Lima*, São Paulo, Edusp, 1997.
- Baptista, Abel Barros (2005): *O Livro Agreste*, Campinas, Editora Unicamp.
- Camilo, Vagner (2020): *A Modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*, Cotia, Ateliê Editorial / São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- Campos, Haroldo de (1989): *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o Caso Gregório de Matos*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado.
- Candido, Antonio (1993): *O Discurso e a Cidade*, São Paulo, Duas Cidades.
- Candido, Antonio (2006): *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- Culler, Jonathan (2015): *Theory of the lyric*, Cambridge / London, Harvard UP.
- Cunha, Fausto (1974): "O Livro de Sonetos de Jorge de Lima" (Nota Preliminar a *Livro de Sonetos. Poesias*). Em Lima, Jorge de: *Poesias*, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar / Brasília: Instituto Nacional do Livro (INL), v. 2, pp.159-164.
- Curtius, Ernst Robert (1975): "El paisaje ideal". *Literatura europea y Edad Media latina* (traducción de Margit Frenk Alatorre y Antonio Alatorre), México, Fondo de Cultura Económica, v. I, pp. 269-276.
- Ferreira, António Mega (1994): "A visão do relâmpago". Em Pascoaes, Teixeira de: *A Beira (num relâmpago) / Duplo passeio*, Lisboa, Assírio Alvim, pp. 09-15.
- Ferreira, Jorge (2017): "Brasil, 1942. Estado e sociedade contra o Reich", *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 30, nº 2, jul./dez., pp. 89-109.

- Franco, António Cândido (2017): *Trinta Anos de Dispersos sobre Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Henrique, Heitor Esperança (2015): "O 1º Grupo de Aviação de Caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial: missões". Em *VII Congresso Internacional de História. Encuentro de Geohistoria Regional. XX Semana de História*, Maringá, Universidade Estadual de Maringá, pp. 1791-1799.
- Lima, Jorge de (1949): *Livro de Sonetos*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- Lima, Jorge de (1974): *Poesias completas*, Rio de Janeiro: J. Aguilar / Brasília, Instituto Nacional do Livro (INL), v. I.
- Pascoaes, Teixeira de (1994): *A Beira (num relâmpago)/Duplo passeio*, Lisboa, Assírio Alvim.
- Redondo, Juan Carlos Jiménez (1993). "La política del bloque ibérico: las relaciones hispano-portuguesas (1936-1949)". Em *Mélanges de la Casa de Velázquez*, tome 29-3. Époque contemporaine, pp. 175-201.
- Romero, Sílvio (1985): *Folclore Brasileiro: Cantos Populares do Brasil*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia / São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo.
- Sá, Maria das Graças Moreira de (1992): *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, ICALP (Ministério da Educação).
- Saraiva, Arnaldo (2004): *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*, Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- Saraiva, Arnaldo (1979): "Carta Inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro", *Revista Colóquio/Letras*. Documentos nº. 50, jul., Lisboa.
- Virgílio (2008): *Bucólicas* (trad. Manuel Odorico Mendes), Cotia, Ateliê Editorial / Campinas, Ed. da Unicamp.

